

## PRAÇA MARECHAL TITO

Decreto nº 6073 de 27-06-1980

Formada pelo conjunto de praças existentes na Vila Nova, entre as ruas Avaí, Funilense e Carolina Florence, com início em seu lado esquerdo na rua Buarque de Macedo e em seu lado direito na travessa ainda sem denominação e término em seu lado esquerdo pela rua ainda sem denominação e em seu lado direito pela avenida Dr. Theodoreto de Almeida Camargo

Vila Nova

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Francisco Amaral. Protocolado nº 17.152 de 17-06-1980 em nome de Prefeito Municipal. Na praça existe um grande monumento representando soldados empunhando lanças com o significado da luta da Iugoslávia para se livrar do nazi-fascismo e o busto do Marechal Tiro, obra do artista Franulic, copia exata do original existente na Casa de Tito, na Iugoslávia.

## MARECHAL TITO

Josip Broz (Tito) nasceu na aldeia de Zagoria, provincia croata nas montanhas ao norte de Zagreb, hoje Iugoslávia, em 07-maio-1892 e faleceu em Belgrado, Iugoslávia, a 04-maio-1980. Em 1914 foi recrutado para o exército austro-húngaro, caindo prisioneiro dos russos em 1916. Na Rússia juntou-se aos bolchevistas e ao seu lado participou da revolução russa. Regressou à Iugoslávia em 1924 e passou a militar no movimento sindical, tornando-se dirigente da União dos trabalhadores Metalúrgicos, ocasião em que adotou o nome Tito. Em 1929 foi preso passando quatro anos na prisão. Mais tarde passou pela Espanha e pela França e quando a Alemanha nazista iniciava sua expansão, regressou à Iugoslávia com o propósito de fundar um movimento subterrâneo para lutar contra os invasores. Iniciou suas atividades em junho de 1941 e em 1944, com a libertação de Belgrado, Tito tornou-se chefe do governo provisório. Com a proclamação da República em 1945, tornou-se o chefe do governo. Em janeiro de 1953, a Assembléia Nacional elegeu-o primeiro Presidente da República da Iugoslávia, em cujo cargo permaneceu até sua morte. Tito conseguiu tornar a Iugoslávia independente das ordens de Stalin, sem entretanto, desafiá-lo. Estabeleceu a unidade nacional, mantendo, no entanto, a pluralidade e a independência de cada região do país, conseguindo um consenso e concessões mútuas das várias nações que compunham a Iugoslávia. Verdadeiro simbolo nacional da Iugoslávia, o marechal Tito foi, até sua morte, venerado pelo povo de seu país.



DECRETO N.º 6073, DE 27 DE JUNHO DE 1.980.

DENOMINA "MARECHAL TITO", UMA VIA PÚBLICA DO  
MUNICÍPIO DE CAMPINAS

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1.º – Fica denominada "RUA MARECHAL TITO" a Rua 69 do Jardim do Lago - Continuação, com início na Avenida 2 e término na Rua 25-A do mesmo loteamento.

Artigo 2.º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 27 de Junho de 1.980.

DR. FRANCISCO AMARAL  
Prefeito Municipal de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR  
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º DARCY STRAGLIOTTO  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido com os elementos constantes do protocolado n.º 17.152, de 17 de junho de 1.980, em nome de Prefeito Municipal, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, na data supra.

DR. ITAGIBA D'ÁVILA RIBEIRO  
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



## PRAÇA MARECHAL TITO

Josip Broz Tito (1892-1980) Presidente da Iugoslávia e durante a guerra lider do movimento guerrilheiro que - caso único - expulsou as tropas de ocupação alemã sem ajuda de tropas estrangeiras. Na Primeira Guerra Mundial foi soldado do Exército do Império Austro-Húngaro, ao qual pertencia, então, a região onde nasceu. Esteve preso por seis anos, de 1928 a 1934, como elemento politicamente indesejável, por ser dirigente do Partido Comunista Iugoslavo. Em 1936 liderou o continente iugoslavo nas Brigadas Internacionais que lutaram ao lado dos republicanos na Guerra Civil Espanhola. Depois da invasão da Alemanha, organizou a resistência interna. De 1945 a 1953, foi primeiro-ministro da Iugoslávia. Em 1953 foi eleito presidente da República, posto que ocupa ainda hoje.

(Extraído de "10 Personagens da Segunda Guerra Mundial", à pág. 68, da Enciclopédia Bloch, nº 45, de janeiro de 1971, da Bloch Editôres S.A., Rio de Janeiro)

anpv/10/1985

## PRAÇA MARECHAL TITO

## Inaugurado monumento ao Mal. Tito

Com a presença do cônsul da Iugoslávia, Pavle Zivkovic, e do deputado Roberto Cardoso Alves, a Prefeitura inaugurou na manhã de ontem o monumento ao Marechal Josip Broz Tito e a praça que leva o seu nome, entre as ruas Carolina Florence e Buarque de Macedo, na Vila Nova. As solenidades foram presididas pelo prefeito Francisco Amaral, e marcadas pela presença de integrantes e grupos folclóricos da colônia iugoslava da capital.

Uma centena de pessoas assistiu ao descerramento da placa comemorativa à data da inauguração sob o pronunciamento do poeta iugoslavo André Kissil, radicado em São Paulo.

O monumento ao Marechal Tito é um dos maiores já inaugurados em Campinas, nesses últimos dez anos. Composto de um pilar de concreto, o monumento guarda o busto do estadista iugoslavo, esculpido pelo artista Franulic — uma réplica do busto colocado e m s e u monumento-túmulo, na cidade de Belgrado.

A praça Marechal Tito é um conjunto de dois jardins cortados pela rua Buarque de Macedo, onde existem muitas flores, porque o prefeito Francisco Amaral determinou que elas fossem semelhantes à Casa de Tito, na capital iugoslava, onde as flores plantadas praticamente cobrem toda a área verde que a cerca.



(Do jornal "Correio Popular" de 09-maio-1982)

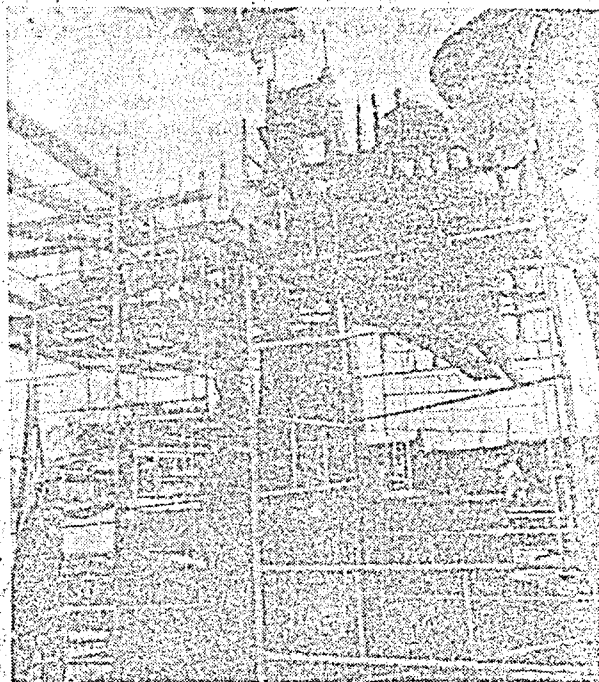


## Na Vila Nova, um monumento homenageará o Marechal Tito

O Departamento de Parques e Jardins já concluiu a estrutura de concreto do monumento em homenagem ao Marechal Tito, que está sendo construído na praça do mesmo nome, no final da Rua Caroline Florence, Vila Nova e entregou ao artista plástico Franulic, autor do projeto, para a conclusão. O monumento está sendo construído em conjunto com o consulado da Iugoslávia e é uma homenagem prestada pela Comissão dos Integrantes Iugoslavos, sociedade de São Paulo, ao prefeito Francisco Amaral e a Campinas, por ter doado o nome do marechal iugoslavo a uma área verde da cidade.

"A primeira etapa, de responsabilidade da Prefeitura já está pronta" — explica o diretor do DPJ, Eduardo Pagotto. Nós fizemos o levantamento do monumento, que é feito de concreto e tem sete metros de altura, cinco de largura e um de espessura. Agora, o autor do projeto está realizando o acabamento e, numa terceira etapa, faremos o ajardinamento em torno dele".

Para a realização do ajardinamento serão utilizadas trezentas mudas de espécies diferentes de plantas floríferas e fim de que se consigam transportar o clima da casa do marechal, na Iugoslávia, onde é conhecida como Casa das Flores. "A ideia foi do prefei-



O monumento ainda está sendo construído

to Francisco Amaral — continua o diretor do DPJ — que ficou impressionado com a intensa florada dos jardins quando visitou a casa do Marechal Tito em viagem àquele país".

### Um trabalho demorado

Para elaborar este projeto o seu autor, o artista plástico, Franulic, demorou vários

meses. "Estou trabalhando desde outubro — afirma o autor — estudando a mentalidade do povo iugoslavo. Foi preciso, também conhecer o busto que será colocado e foi doado pelo governo iugoslavo. O busto — continua — estava na casa do Marechal e foi feito por um famoso artista, Augustincic, em bronze fundido".

(Do jornal "Diário do Povo" de 28-abril-1982)



Monumento foi doado pela embaixada

Com grupos folclóricos iugoslavos

## Hoje inauguração da praça Mal. Tito

O monumento em homenagem ao marechal Tito será inaugurado hoje às 11:00 hs da manhã com uma festa característica da Iugoslávia: danças folclóricas, fortalecidas pela presença de toda a colônia radicalizada em Campinas, o cônsul e o prefeito Francisco Amaral, que deu o nome do ex-presidente iugoslavo à nova praça na saída da Unicamp.

O monumento foi doado pelo consulado e pela Sociedade de Amigos da Iugoslávia em reconhecimento à atitude do prefeito pela homenagem prestada ao marechal Tito.

A obra é muito simples, consistindo de um estrutura de concreto aparente projetada pelo artista Franulic, que também fez o busto de bronze do marechal, cópia exata do original existente na casa de Tito, na Iugoslávia.

Uma pedra alta e comprida, com dois vazamentos no meio, é circundada por um conjunto de soldados empunhando lanças. No topo tremulam as bandeiras do Brasil e da Iugoslávia. Uma placa comemorativa assinala a homenagem prestada pelo prefeito de Campinas e pela colônia ao construtor da unidade de seu país no pós-guerra.

A obra nada custou para a Prefeitura, que forneceu apenas a mão-de-obra para sua execução, segundo informou Eduardo Pagotto, diretor do Departamento de Parques e Jardins, setor que fez o trabalho de jardinagem da praça. Foi plantada muita flor — rosas, cistáceas e sálvias — uma característica do marechal Tito. A casa dele era conhecida como "casa das flores", de tantas que havia no jardim. Esse foi um pedido muito especial de Amaral que esteve lá em sua viagem à Iugoslávia. A iluminação do monumento é feita por quatro refletores instalados no piso.



# Marechal Tito

**Q**UANDO, durante a Segunda Guerra Mundial, o nome do marechal Tito surgiu no noticiário internacional, como comandante do Exército Nacional de Libertação da Iugoslávia, então ocupada pelos nazistas, um manto de mistério envolvia a figura romântica do chefe dos guerrilheiros. Ninguém sabia ao certo quem era Tito. Dizia-se que era um simples nome, empregado para designar os homens que, no anonimato, dirigiam realmente os guerrilheiros iugoslavos. Chegou-se a falar que sob o nome de Tito se ocultava uma mulher. Afirmou-se que seu verdadeiro nome era Camillo Horvatz, natural da Croácia.

Durante bastante tempo, o chefe dos guerrilheiros iugoslavos continuou sendo uma figura misteriosa. Somente quando foi estabelecido contato entre as forças aliadas e os «partisans» é que Tito foi definitivamente identificado como Josip Broz, veterano dirigente sindical da Iugoslávia.

Descendente de uma família de camponeses pobres, Josip Broz nasceu em 1892, em uma aldeia de Zagoria, província croata nas montanhas ao norte de Zagreb. Em 1914, foi recrutado para o Exército austro-hungaro, caído nas mãos dos russos em 1916. Na Rússia, juntou-se aos bolchevistas e ao lado deles participou da revolução russa.

Em 1944, com a libertação de Belgrado, Josip Broz tornou-se chefe do governo provisório então estabelecido na capital da Iugoslávia. Com a proclamação da República, em 1945, tornou-se chefe do governo. Em janeiro de 1953, a Assembléia Nacional elegeram o primeiro presidente da República da Iugoslávia, cargo do qual não mais foi afastado, tendo sido a ele reconduzido três vezes, a última das quais no dia 1.º do corrente mês de julho.

## O nome

Regressou à Iugoslávia em 1924 e passou a militar no movimento sindical, tornando-se dirigente da União dos Trabalhadores Metalúrgicos. Foi nessa época que adotou o nome de Tito.

Em 1929, foi preso por ordem do general Peter Jicovich, então primeiro-ministro da Iugoslávia, e passou quatro anos na prisão. Pouca coisa se sabe sobre suas atividades nos anos que se seguiram. Fala-se que lutou na Revolução Espanhola, entre os voluntários internacionais que combatiam ao lado dos republicanos. Outros sustentam que nunca esteve na Espanha, embora tenha participado ativamente da organização do voluntariado internacional para o Exército Republicano.

Esteve algum tempo em Paris e dizem que frequentou uma escola de guerrilheiros em Moscou. Finalmente, quando a Alemanha nazista iniciava sua expansão, Josip Broz regressou à Iugoslávia, com o propósito de fundar um movimento subterrâneo para lutar contra os alemães no caso de uma invasão.

## Ação

Em 1941, quando os alemães avançaram sobre Belgrado, esse movimento já estava organizado. Iniciou suas atividades em junho daquele ano, quase ao mesmo tempo que os «chetniks» do general Draja Mihallovitch, que posteriormente com ele entrou em conflito e terminou sendo fuzilado em Belgrado, em 1946, sob a acusação de traição.

A medida que se desenvolvia a luta dos guerrilheiros contra os invasores alemães, o exército de Tito crescia impressionantemente, enquanto delinavam as forças do ge-



Tito



# O TERCEIRO MUNDO COMEÇOU COM ELE



O Brasil recebe este mês a visita do Marechal Tito, da Iugoslávia, cuja personalidade de Chefe de Estado, por vários motivos e em numerosas ocasiões, chamou a atenção do mundo. Foi Tito quem, logo após a II Grande Guerra, pela primeira vez rompeu a unidade do bloco monolítico que constituía o mundo socialista. Pela posição especial que

assim assumiu no tabuleiro da política internacional, tem sido cortejado tanto pelos Estados Unidos como pela União Soviética. E até agora, apesar de suas renovadas declarações de amizade a Nikita Krushev, Tito vem mantendo a posição independente que lhe garantiu, com Jawaharlal Nehru, da Índia, a liderança do bloco neutralista.

Alguns líderes comunistas acumulam as funções de Secretário do PC com as de Chefe de Governo, como é o caso de Nikita Krushev; outros, como Antonin Novotny, da Tchecoslováquia, acumulam a Chefia de Estado com a Secretaria do Partido; outros, finalmente, como Enver Hoxha, da Albânia, têm ocupado sucessivamente os três postos.

Nenhum deles, entretanto, conseguiu o que foi obtido pelo Marechal Tito, que desempenha simultaneamente as funções de Presidente da República, Presidente do Conselho Executivo Federal e Secretário-geral da União (PC) dos Comunistas Iugoslavos. Assim, Tito é o único líder comunista do mundo que acumula as funções de Chefe de Estado, de Governo e do Partido.

**O operário** — Seria difícil prever um futuro dessa ordem para Josip Broz (que só muito mais tarde se tornaria conhecido como Tito), um dos quatorze filhos de um humilde casal de camponeses que nasceu em 1892, na aldeia croata de Kumrovec. Dos treze irmãos de Tito, oito morreram ainda pequenos — o que parece ter influenciado a formação do futuro revolucionário.

Como diversos dos seus atuais confrades — Krushev, Novotny e Janos Kadar —, Tito começou a ganhar a vida como aprendiz de serralheiro. Em 1910, era membro do Sindicato dos Metalúrgicos e do Partido Social-Democrata, a maior organização política de orientação marxista no período que precedeu a I Guerra Mundial.

Nos anos que se seguiram, trabalhou como operário em indústrias da Eslovênia, Tchecoslováquia, Alemanha e Áustria. Foi surpreendido pela I Guerra Mundial quando iniciava, em Zagreb, um curso universitário. Convo-

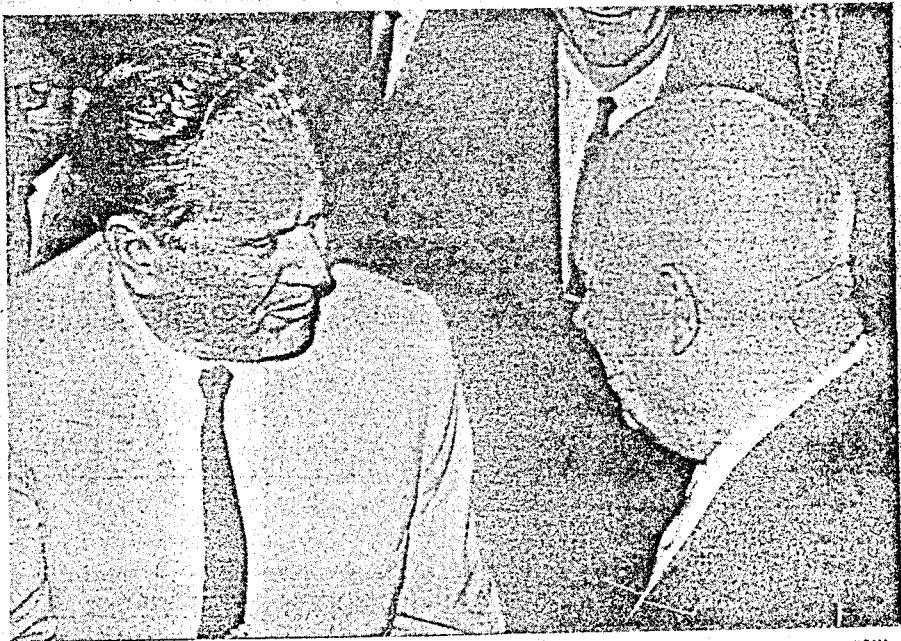
cado pelo Exército austro-húngaro e enviado para a frente oriental, foi gravemente ferido e aprisionado pelos russos. Já era marxista e, segundo seus biógrafos oficiais, data dessa época de cativo sua conversão ao comunismo por influência das obras de Lenine.

Libertado após a queda do Governo Imperial, seguiu para Petrogrado, onde participou como trabalhador anônimo das manifestações de julho de 1917. Posteriormente, alistou-se na Guarda Vermelha, a fim de lutar contra os Exércitos Brancos do Almirante Aleksander Koltchack.

Somente em 1920 regressaria à Iugoslávia, para integrar-se no núcleo do PC em Zagreb. Voltava com a esposa russa, Jovanka, o filho nascido na URSS, e enriquecido por dois elementos

que facilitariam extraordinariamente sua carreira: a experiência prática da luta revolucionária, a qual lhe garantia ascendência direta sobre os teóricos marxistas da Iugoslávia; e o domínio perfeito do idioma russo, fator que teria papel determinante em seu futuro.

No período de entreguerras, quando começou a usar pela primeira vez o pseudônimo que mais tarde seria associado a seu nome (*Ti* em iugoslavo significa *tu*, e *to* equivale ao nosso *faz*; ao dar suas ordens aos companheiros, ele costumava dizer *Ti to*, o que lhe valeu o cognome), seguiu sem vacilar as instruções que recebia de Moscou. Suas atividades na Iugoslávia, no campo da agitação, organização e propaganda, lhe valeram cinco anos de prisão. Usando uma série de



Na Assembléia da ONU, em 1960, Tito e Krushev estabeleceram um "modus vivendi"





pseudônimos e passaportes falsos, Tito cruzou e recruzou o continente europeu várias vezes, atuando como correio especial, agitador e organizador.

**O dirigente** — Em 1937, foi designado Secretário-geral do PC Iugoslavo pelo Komintern. Nessa qualidade, enviou à Espanha 1.200 voluntários que ali lutariam pela causa republicana.

Ao irromper a II Guerra Mundial, em 1939, Tito controlava a pequena porém bem organizada máquina do Partido Comunista Iugoslavo — único entre todos os PCs da Europa que contava, já antes do conflito, com uma eficiente comissão militar.

Em março de 1941, os alemães invadiram a Iugoslávia. “O Exército iugoslavo depôs suas armas depois de oferecer uma débil resistência, por doze dias”, declarava o informe de Tito ao Congresso do PCI. “Os membros do Governo e o Rei fugiram de avião para o exterior. Permanecem no país apenas o povo desarmado e o PC.”

O informe era também a proclamação que firmaria a posição de Tito como líder nacional da resistência. Sem aguardar instruções de Moscou — Hitler só invadiria a URSS a 6 de junho de 1941 e a essa altura, para todos os efeitos, o Pacto Molotov-Ribbentrop de não-agressão estava em vigor —, Tito assumiu o comando das organizações militares do PC e ordenou às suas forças que atacassem por todos os meios os ocupantes alemães. Era a primeira de uma série de ações independentes que empreenderia, para profunda insatisfação dos líderes soviéticos.

Nos anos de luta que se seguiram, Tito — assistido por Milovan Djilas, Edvard Kardelj e Aleksander Rankovic — transformou os pequenos destacamentos de guerrilheiros em divisões e corpos de Exército, que fustigavam incessantemente as forças nazistas. O único rival à altura de Tito na guerra nacional de libertação era o Coronel Draja Mikhailovich, que entrou em entendimentos com os alemães e acabou sendo eliminado pelos comunistas.

No decorrer da guerra, o Premier britânico, Winston Churchill, avaliando perfeitamente a posição-chave da Iugoslávia, tomou uma decisão em contradição com seus princípios. Tendo de optar entre o apoio ao Rei exilado e a ajuda a Tito — que a seu ver era o único líder nacional capaz de manter a Iugoslávia unida e lutando —, Churchill não vacilou: forneceu ao líder comunista abastecimentos, equipamentos e fundos. Finda a guerra, foi mais uma vez a influência de Churchill junto aos aliados que facilitou o reconhecimento do regime estabelecido por Tito.

**Revelação** — E foi também no fim da guerra que o verdadeiro Tito se revelou ao mundo. No decorrer do conflito, os



Tito divide com o “Premier” Nehru, da Índia, a liderança do bloco neutralista

iugoslavos tinham sido praticamente ignorados por Moscou. O Exército soviético chegou a tempo de colaborar na expulsão dos alemães que se achavam em Belgrado, mas entrou em choque com os iugoslavos, cujo patriotismo tinha sido exaltado pela guerra. A despeito das divergências que se sucediam entre Belgrado e Moscou — Milovan Djilas foi enviado a Moscou duas vezes por Tito, com a missão de apaziguar Stalin e Molotov —, o Chefe do Governo iugoslavo colaborou, de início, com os líderes soviéticos. Tito foi implacável com o Cardeal Stepinac (que foi prêso e condenado). Ordenou a seus pilotos que derrubassem os aviões aliados que sobrevoavam a Iugoslávia, ameaçou apoderar-se de Trieste pela força e auxiliou de todas as formas os comunistas gregos que combatiam na guerra civil. Nos três anos que se seguiram ao fim da guerra, Tito fez o possível para alienar os ocidentais e satisfazer Moscou.

Em 1948, contudo, aconteceu o que ninguém esperava. Fartos de guerras, de privações e — especialmente — do autoritarismo de Moscou, Tito e os seus se rebelaram, decididos a edificar o socialismo por meio da industrialização acelerada da Iugoslávia — segundo seus próprios meios. Dos esforços desenvolvidos então, resultou, pelo menos em teoria, uma nova concepção de estrutura do Estado socialista, onde os órgãos de controle político e de planejamento são desenvolvidos de baixo para cima, isto é, ao contrário do que se fez na União Soviética e nas demais democracias populares. Estavam lançadas as bases da experiência socialista nacional iugoslava.

O socialismo nacional, que vem sendo desde então implantado na Iugoslávia, rompe com as fórmulas do co-

munismo ortodoxo na medida em que procura descentralizar o poder político, criando órgãos de mecanismo descentralizado, como é o caso dos comitês de fábrica, que se destinam a garantir a gestão operária autônoma.

A descentralização igualmente foi aplicada — com maior ou menor sucesso — no próprio organismo administrativo da nação, numa tentativa de “evitar que o poder político conquistado pelas massas fosse conquistado pela nova classe dos burocratas”. Nesse campo, os êxitos logrados até agora por Tito foram diminutos — como o demonstram as sucessivas penas de prisão impostas ao seu ex-companheiro de luta, o teórico Milovan Djilas, que em *Nova Classe* e em outras obras denunciou as falhas e malogros do sistema. As condenações de Djilas, aliás, constituíram fatos de repercussão negativa no mundo inteiro para o Governo iugoslavo (Visão, 25-5-62).

De qualquer forma, após o lançamento das bases do “socialismo nacional”, Tito viu-se, do dia para a noite, isolado do mundo. Stalin, depois de exercer sobre a Iugoslávia pressões de todo o tipo para forçá-la a aceitar o princípio da liderança soviética, expulsou Tito do Komintern e abandonou-o à sua própria sorte. O Ocidente via no líder iugoslavo um comunista em nada diferente dos demais líderes do bloco soviético. A guerra fria estava no apogeu.

**A coexistência** — Mas Tito saiu-se airoso da situação desesperadora em que se encontrava. Os EUA não queriam perder a oportunidade de criar embaraços a Moscou. Com a condição de que a Iugoslávia suspendesse sua intervenção na guerra civil grega, Washington forneceu a Tito, em poucos

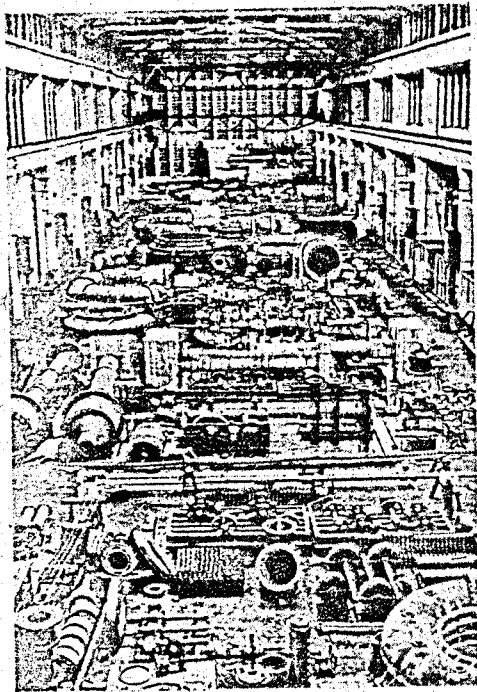
## ARTIGO DE CAPA

meses, equipamento militar no valor de 700 milhões de dólares e ajuda econômica de 1 bilhão e 500 milhões.

Simultaneamente, Belgrado estabelecia as bases da doutrina que posteriormente se popularizaria como "coexistência pacífica" — a possibilidade de coexistência de nações de sistemas políticos e sociais diferentes.

No Ocidente, a doutrina teve fria acolhida. O então Secretário de Estado americano, John Foster Dulles, denunciou-a sem contemplações, partindo do princípio de que os que não estavam firmemente aliados aos Estados Unidos estavam contra eles.

Moscú qualificou Tito de traidor do comunismo internacional, desviacionista e vendido ao imperialismo — precisamente os mesmos termos que



A Litostroj, uma das grandes fábricas de equipamento elétrico da Iugoslávia

hoje Mao Tsé-tung emprega contra Nikita Kruschev.

Em determinado setor, entretanto, a doutrina da coexistência pacífica foi calorosamente acolhida: no chamado "terceiro mundo". Os neutralistas — de início a Índia, Indonésia, Egito, Ceilão, Birmânia e alguns outros novos Estados afro-asiáticos — viriam a constituir, juntamente com a Iugoslávia, um bloco cuja atuação tem influenciado e influencia ainda a política internacional.

**Oscilações** — Posteriormente, após a morte de Stalin, Kruschev tentou aproximar-se de Tito, aceitando em princípio a teoria dos "caminhos diferentes para o socialismo". Em 1955, visitou Belgrado em companhia de Bulganin e Mikoyan para concluir um armistício com Tito. Daí em diante, as relações

entre Moscou e Belgrado têm oscilado. Melhoraram consideravelmente após a denúncia do stalinismo e do culto da personalidade por Kruschev, em 1956; agravaram-se nesse mesmo ano, quando os soviéticos acusaram os iugoslavos de terem "fomentado" o levante húngaro, enquanto Tito acusava Kruschev de ter traído a palavra empenhada, ao aprisionar e executar os líderes rebeldes húngaros. Em represália, Moscou cortou créditos concedidos à Iugoslávia — que negociou esses mesmos créditos no Ocidente.

Em 1957, Kruschev e Tito voltaram a avistar-se, desta vez na Romênia, e novo armistício foi concluído. Mas os créditos cortados pela URSS não foram restabelecidos, e Tito, para manifestar seu descontentamento, deixou de comparecer às comemorações do 40.º aniversário da Revolução de Outubro, em Moscou. Finalmente, após um encontro em Nova York, em 1960, onde ambos participaram da sessão de instalação da Assembléia-geral da ONU, Tito e Kruschev estabeleceram as bases de um *modus vivendi* amistoso, consolidado nas conferências que mantiveram há algumas semanas, em Belgrado.

**Aliados** — Desde então, registra-se um processo contrário ao que se verificara a partir de 1948: sem romper seus laços com os neutros, Belgrado distancia-se pouco a pouco do Ocidente, à medida que suas necessidades mais imediatas vão sendo satisfeitas, e aproxima-se da URSS e demais membros do bloco oriental, embora não se tenha integrado materialmente no mesmo — entre outras coisas, a Iugoslávia não é membro do COMECON nem do Pacto de Varsóvia.

A mola dessa reaproximação com a URSS é a pendência sino-soviética. Kruschev fez sua política de coexistência pacífica inaugurada por Tito — e que se coaduna perfeitamente com o nível de progresso material alcançado pela URSS e com seu temor de um conflito nuclear, no qual tudo teria a perder. Pequim, que desde os tempos de Stalin denunciava Tito como um traidor do movimento comunista internacional, abriu uma segunda frente contra Kruschev. A necessidade de apoio mútuo contra os chineses aproximou e aproxima cada vez mais Moscou e Belgrado. Se a URSS tem fornecido em grau crescente a ajuda material demandada pela Iugoslávia, é esta quem fornece a Moscou a munição ideológica empregada pelos soviéticos na pendência com a China.

Tal é a posição a que Tito levou a Iugoslávia de nossos dias. A experiência da edificação do socialismo nacional ainda está longe de ter sido completada e algumas das soluções tentadas — a autogestão, por exemplo — produziram resultados discutíveis.

Alguns resultados materiais, entretanto, não podem ser negados. Um deles é o fato de o novo regime praticamente ter pôsto fim à sanguinolenta luta entre sérvios e croatas, que quase liquidou a Iugoslávia em seus primeiros quarenta anos de existência como Estado. Noventa por cento da terra cultivada no país pertence a quem a lavra. Determinados tipos de empresas particulares — as que operam com cinco ou menos empregados — podem funcionar. A renda anual *per capita* ascende a 360 dólares e tende a aumentar.

O Tito que nos vem visitar evidentemente é o líder absoluto e incontestável do novo Estado. Cabelos grisalhos, musculoso e atlético, nem de longe aparenta os 71 anos que carrega nas costas. Em uniforme ou em trajes civis, é de uma elegância sem paralelo entre estadistas do mundo comunista. No íntimo, é o que sempre foi — um homem orgulhoso, obstinado, paciente, decidido e, acima de tudo, um comunista que quando lhe convém sabe ser mais duro que Stalin, mais dialético que Mao e mais flexível que Kruschev.

**Acontecimento inédito** — A visita de Tito ao Brasil constitui um acontecimento inédito. Trata-se, com efeito, da primeira visita feita por um Chefe de Estado e de Governo comunista a uma nação latino-americana. Por outro lado, é, de certa forma, o coroamento — embora seródio — da política externa "independente", implantada pelo Presidente Jânio Quadros e, mais ou menos, mantida pelo atual Governo.

## Pedaco de um antigo império

Com seus dezoito milhões de habitantes concentrados numa área pouco maior do que a ocupada pelo Estado de São Paulo, a Iugoslávia moderna é um produto da fragmentação do antigo Império Austro-Húngaro, depois da I Guerra Mundial. Nos últimos quarenta anos, teve três nomes: Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos; a partir de 1929 foi o Reino da Iugoslávia; e, finalmente, depois da II Guerra, República Socialista Federal da Iugoslávia.

Fundamentalmente, a população iugoslava é de origem eslava; entretanto, as minorias albanesa, húngara e turca sempre desempenharam importante papel no desenvolvimento econômico, social e político da nação. A fusão de origens é bem demonstrada pela variedade de crenças religiosas. A despeito do regime anti-religioso, há na Iugoslávia muçulmanos, católicos romanos, ortodoxos e protestantes. Du-



Assim que a data da visita foi estabelecida, manifestou-se o temor de que ela provocasse grande comoção no país. O Presidente Goulart, às voltas com graves problemas internos, concordou com a realização da visita mais para honrar um compromisso assumido por seu antecessor do que propriamente por gosto. Pesando bem os prós e os contras — será que a barretadinha para as esquerdas compensaria uma violenta reação da direita? —, Jango resolveu o problema colocando a visita em termos protocolares. Dizem mesmo que forneceu ao Itamarati o limite de sua audiência com Tito: duas horas. Assim agindo, pretende, como é de seu feitio, satisfazer a gregos e troianos. A esquerda terá de reconhecer que Tito foi recebido com tôdas as honras, e os conservadores que o Presidente não deu tempo ao visitante para entrar em intimidades. O Presidente anda arisco e não pretende incorrer gratuitamente na hostilidade de instituições, especialmente a da Igreja Católica.

De qualquer forma, as possíveis reações à visita de Tito devem surgir na extrema esquerda e extrema direita, e se limitarão a essas áreas. A maioria do povo brasileiro acolherá o Marechal como acolhe a maioria dos nossos visitantes — com curiosidade e relativo indiferentismo.

Alguns observadores consideram que a visita de Tito à América Latina poderá contribuir para o incremento do intercâmbio comercial entre as repúblicas do continente e a Iugoslávia. Es-

ta exporta há alguns anos para as nações latino-americanas produtos químicos e farmacêuticos (especialmente vacinas Sabin), máquinas, ferramentas, motores, aparelhos elétricos, navios de carga e de passageiros, tratores, perfuratrizes e demais produtos industriais. Os latino-americanos exportam para a Iugoslávia café, lã, couros e peles, algodão, sisal, cacau, açúcar, minérios de cobre, ferro, salitre, farinha de peixe, óleo de linhaça, quebra-chô, melão e gasolina de aviação.

Há alguns anos, o volume do intercâmbio aumentou consideravelmente pelo fato de o Governo iugoslavo ter

decidido financiar a venda de navios e equipamento pesado a longo prazo. O Brasil é uma das nações latino-americanas que se beneficiam desse financiamento. Para que esse intercâmbio continue aumentando, é indispensável a revisão e atualização dos acordos bancários e dos convênios de pagamentos entre Brasília e Belgrado.

Se for logrado, por meio da revisão dos acordos e convênios que demandam atualização, um aumento do volume de intercâmbio entre a Iugoslávia e a América Latina, é possível que dentro de um ano esse intercâmbio ultrapasse 100 milhões de dólares anuais.

rante a II Guerra Mundial, um de cada dez iugoslavos morreu lutando contra os nazistas, um entre cada quatro edifícios foi destruído e a economia nacional foi inteiramente arrasada. Hoje, depois de um grande esforço desenvolvido, a Iugoslávia deixou de ser nação essencialmente agrícola para converter-se em exportadora de bens de

consumo e produtos industriais. Embora ainda esteja longe de ser o Estado socialista imaginado por seus organizadores, a Iugoslávia é a mais próspera das democracias populares, não obstante — ou em virtude de — jamais ter-se integrado diretamente no bloco soviético. A estrutura do Governo é federal, sendo constituída por seis repúblicas populares: Sérvia, Croácia, Eslovênia, Bósnia-Herzegovina, Macedônia e Montenegro. O mais alto órgão legislativo é a Assembléia Federal e cabe ao Presidente a representação da República no país e no exterior, assim como o comando das Forças Armadas.

Quanto às relações com a Igreja Católica, reduziu-se a tensão que existia desde o falecimento do Cardeal Stepinac. Não houve, contudo, nenhum fato sensacional que marcasse a reaproximação entre os dois Estados, embora se tenham registrado algumas iniciativas partidas de ambos os lados.

Durante o pontificado de João XXIII, realizaram-se negociações em Belgrado entre os bispos católicos iugoslavos e o Governo de Tito. Essas negociações, todavia, terminaram caindo em ponto morto, dada a impossibili-

dade de se chegar a um acordo a respeito do problema das propriedades da Igreja Católica, desapropriadas pelo Governo.

O maior problema que a Igreja enfrenta presentemente na Iugoslávia é a pobreza do clero. Por outro lado, o Vaticano mostra-se satisfeito com a liberdade religiosa existente na Iugoslávia: semanários católicos são publicados regularmente e seminaristas obtêm permissão para completar seus estudos de teologia em Roma. Além disso, o Vaticano pode livremente remeter à Iugoslávia livros e material religiosos.

Um indício de que são satisfatórias as relações entre o Vaticano e a Iugoslávia foi a recepção oferecida pelo Embaixador de Tito em Roma em homenagem à delegação iugoslava que participava do Concílio Ecumênico. Mais recentemente, registrou-se também o fato de ter sido a Iugoslávia o único país comunista representado na cerimônia de coroação de Paulo VI.

De sua parte, o Governo iugoslavo também parece estar satisfeito com a atitude de não interferência assumida pelo clero católico com relação aos problemas políticos do país.



Tito assina, em 1945, a proclamação da República Federal Socialista da Iugoslávia

VISÃO, 6 DE SETEMBRO DE 1963





## PRAÇA MARECHAL TITO



# Busto de Tito numa Praça de Campinas

O prefeito Francisco Amaral enviou Ofício ao Cônsul Geral da R. S. F. da Iugoslávia, Gojko Zdujic, participando a implantação de uma praça em Campinas, PRAÇA MARECHAL TITO, acrescentando a intenção de erigir um busto ao homenageado, e que, tão logo todas as providências administrativas estejam concluídas, para esse projeto, será enviado o indispensável convite a fim de que, pessoalmente, o Cônsul Geral venha prestigiar a inauguração.

Segundo Amaral, trata-se de uma justa homenagem ao "homem público, Marechal Tito, cuja morte, comoveu tanto a Iugoslávia pelo seu acendrado patriotismo, como o mundo todo pelas suas manifestações de fraternidade universal".

O Cônsul Geral da Iugoslávia respondeu, ao ofício e agradeceu o "gesto tão simpático para com o povo iugoslavo"; informou que enviou para os jornais do seu país, fotos da praça, "sabendo que isto unirá ainda mais os laços de amizade entre o Brasil e a Iugoslávia".

("CORREIO PÓPULAR"  
de 07.08.1980)

## Coluna do Povo

### O MARECHAL TITO EM CAMPINAS

Senhor Editor,

Li, com a atenção que me merece toda produção que lhe sai do espírito privilegiado, o artigo intitulado "O Marechal Tito em Campinas", de autoria do Professor Odilon Nogueira de Matos, condenando o nome do Marechal Tito que deu a uma praça da cidade de Campinas. E apresso-me em vir oferecer, sobre o assunto, aos leitores do seu Jornal, os seguintes esclarecimentos:

De acordo com o artigo 8.º, do Decreto n.º 3476, de 11.12.69, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto n.º 5690, de 14.05.79, o ato de denominar próprios, vias e logradouros públicos, é privativo do Prefeito.

Por uma questão de liberalidade de sua parte, sem que isso lhe tire, entretanto, a prerrogativa que a lei lhe dá, o Prefeito constitui uma Comissão para examinar, quando isso lhe é proposto, nomes a serem dados a vias públicas, etc., na cidade.

Eu, exatamente por ser um democrata, quis dar, no meu Governo, ao Legislativo Municipal — um dos três Poderes Constituídos — a faculdade de, sob sua inteira responsabilidade pela indicação, de indicar nomes para o mesmo fim.

Não me arrependo disso. Trata-se de um Poder que tem, com um mínimo de 14 vereadores dos 19 que compõem a Câmara, o direito de fazer, repito, com sua inteira responsabilidade, indicações dessa natureza.

Se a Comissão antiga, composta de nomes ilustres da nossa sociedade, entre os quais o do Professor Odilon Nogueira de Matos, não gostou disso, e demitiu-se, usou de um direito que era seu. Tive, aliás, na ocasião, oportunidade de agradecer a todos os seus membros renunciantes, os excelentes serviços que prestaram à Prefeitura durante o período em que integraram, com muito brilho a Comissão de Nomenclatura.

Quanto ao nome do Marechal Tito, dado à Praça, e com o que não se conforma o Professor Odilon, acredito que ele esteja mal in-

formado. Quando D. Pedro II, Caxias, Osório, Feijó, Mauá, Oswaldo Cruz, Francisco Gilcério, Bernardino de Campos, Santos Dumont, Rio Branco, José de Alencar, Machado de Assis, Tamandaré, Barroso, Tiradentes, Ana Nery, José Bonifácio, Coelho Neto, Penido Burnier, morreram, eu não me encontrava na Prefeitura de Campinas. No caso da maioria deles, nem nascido eu tinha. E, por isso mesmo, não poderia prestar-lhes a homenagem póstuma que posso, hoje, prestar ao Marechal Tito. Toda a culpa das falhas existentes na cidade pode ser lançada à minha conta APENAS DE 1977 PARA CÁ, quando assumi o meu mandato. O resto deve ficar, mesmo, por conta dos Prefeitos Orosimbo Maia, de saudosa memória, Heltor Penteadó, ou de outros anteriores a eles.

Mais ainda: quase todos os nomes citados pelo Professor Odilon já estão convenientemente homenageados por antecessores meus desde as vizinhanças do Império.

Para homenagear o Marechal Tito, o único dinheiro da Prefeitura que vou gastar é o da placa denominativa. Como aconteceu com a Praça San Martin, o Libertador, em Barão Geraldo, quando as autoridades argentinas ofereceram a Campinas o busto do homenageado, vai acontecer com o busto do Marechal Tito, que será doado ao Município por autoridades e pela colônia da Iugoslávia. São apenas 200 mil membros dessa Colônia no Brasil que, somados a certas autoridades daquele País, oferecerão, repito, o referido busto para a praça à qual tive a honra de dar o seu nome.

Tito, ninguém o ignora, serviu de exemplo para o mundo. Foi o grande líder dos países socialistas que não se alinhou a Moscou — o que vale dizer: não se subordinou à linha política da política soviética.

Assumo, com determinação e prazer, publicamente, o meu ato executivo, dando a uma praça de Campinas o nome do saudoso homem de idéias e de ação que foi o Marechal Tito.

Atenciosamente grato pela publicação destes esclarecimentos aos leitores do seu jornal.

FRANCISCO AMARAL

Prefeito Municipal

1085051-201